

O CAPITALISMO E TODAS AS FORÇAS DA REAÇÃO ESTÃO PREPARANDO UMA NOVA GUERRA. SOMENTE O POVO SERA' CAPAZ DE EVITAR ESSE NOVO CRIME — CONFRATERNIZANDO ATRAVÉS DE TODAS AS FRONTEIRAS, LUTANDO CONTRA OS ABUTRES E ESTABELECENDO A PAZ UNIVERSAL. SEM A AÇÃO DECISIVA DO PROLETARIADO CAMINHAREMOS PARA A RUINA DA CIVILIZAÇÃO

SÃO PAULO, 24 DE MARÇO DE 1948

ANO 31 — NUM. 14 (Nova fase)

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

18 DE MARÇO

Comemoração da Comuna de Paris

POLITICAGEM

Para os que ainda acreditam na eficiência do parlamento como meio de resolver os problemas do povo, o espetáculo dos últimos dias no recinto da Assembléia deve constituir uma lição dolorosa.

Reunidos em nome do povo, elevados ao posto de representantes do povo, escorchando o povo com ordenados de Cr\$ 9.000,00, fora os "extraordinários" diretos e indiretos, nada mais têm feito do que lavar roupa suja e oferecer ao povo o espetáculo ridículo das sessões cheias de politicagem e insultos.

Os jornais andam cheios dessa miséria moral que a Assembléia Legislativa jorra do seu recinto contagiantes tentativas de suborno, ameaças de morte e perseguições, intervenção federal, negociações, libérrimo, sujeira.

Para nós, não é surpresa, porque sempre apontamos ao povo a necessidade de acabar com essa farça, com essas assembleias, de onde o povo nada pode esperar, senão leis para o amordacar e escravizar os interesses do regime burguês-capitalista, que só se mantém ainda à custa desses engodos. Mas para os que vão às urnas depositar o voto confiados nas promessas dos representantes, para esses deve servir como experiência desoladora.

Tal quanto mais "democrático" e popular se apresenta o parlamento, mais sujeira e decomposição irradia das suas sessões. Os deputados saídos do povo e que aceitam em nome do povo os lugares para explorar o povo e mantê-lo às conveniências da politicagem sordida dos partidos, não têm nem mesmo a compostura de exploradores.

Livros para a nossa propaganda

Em nosso numero anterior, publicamos uma nota relativa à necessidade da difusão de livros propagadores dos princípios fundamentais do anarquismo, necessidade essa tornada imperiosa pela grande confusão reinante quanto às idéias político-sociais.

Essa é a razão pela qual elementos nossos estão seriamente empenhados na obra de difusão de livros que estudam os problemas relacionados com os princípios que animam o nosso movimento. Nesse sentido, já foram editados aqui três bons livros: "O anarquismo ao alcance de todos", de José Otílica, "As idéias absolutistas no socialismo", de Rodolfo Rocker e "Sermões da montanha", de Tomaz da Fonseca, livros esses que foram expostos à venda, nas livrarias de S. Paulo e do Rio de Janeiro. Agora, com o intuito de difundir por todo o Brasil, estamos remetendo exemplares dos mesmos aos companheiros, assim como a simpatizantes e estudiosos da questão social. Aos companheiros de fora reiteramos o apelo para que cooperem conosco no trabalho de propagação dessas obras, expondo-as em livrarias e bancas publicas de vendas de revistas e jornais, além de vendê-las a militantes e simpatizantes.

O GRANDE MOVIMENTO POPULAR — SUFOCADO NO SANGUE DE MILHARES DE MÁRTIRES — FOI UMA GLORIOSA ARRANCADA NA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO POVO OPRIMIDO

Comemora-se este mês um dos mais empolgantes movimentos da história político-social da humanidade: — a Comuna de Paris.

Ao escrevermos, hoje, sobre esse extraordinário movimento que empolgou o mundo pelas concepções audaciosas que o animaram e pelas atitudes de vários dos personagens que nele tomaram parte, convém folhear o livro do passado e penetrar na poeira dos séculos para compreendermos o sentido profundo das idéias que iluminaram a gesta da Comuna.

Se assim podemos encontrar justificativa para o espírito de sacrifício, a abnegação, o desprendimento pela vida, o heroísmo, a quase loucura de personagens como Luiza Michel, que chegou até nós aureolada pela grandiosidade dos seus atos na prática da solidariedade humana.

OS COMUNEIROS DE CASTELA

Frederica Montseny, em uma conferência, faz menção de um movimento produzido no século XVI em Valência, de caráter profundamente social: os trabalhadores do campo e da cidade, constituídos em agrupações denominadas germanias, pugnavam já pela autonomia dos municípios na sua luta contra os flamengos de Carlos V, da Alemanha e I de Espanha.

Esse movimento, produzido há quatro séculos, era animado já pelo mesmo espírito federalista que mais tarde animou aos comunistas de Paris.

Atogado em sangue, reprimido com a mesma violência e barbarismo com que foi reprimido o movimento da Comuna de Paris, fica, entretanto, germinando e florescendo, o princípio comunista, que entrou na história das lutas sociais com o princípio de liberdade.

Consequência lógica de convulsões passadas, desde a rebelião dos servos da idade média, que, por sua vez, eram reflexos da revolta dos escravos espartacistas à revolta dos camponeses, na Alemanha; desde o movimento social-religioso da Boêmia, à grande revolução francesa, a história de todas as revoluções é animada pela idéia de luta contra as tiranias. O conceito da dignidade humana, que encontra no princípio de liberdade a mais elevada expressão de vida, leva o homem à conquista do porvir, embora os caminhos da sua trajetória fiquem semeados de cadáveres e o sangue empape o chão de todos os povos na sua luta contra o princípio de autoridade.

Os comuneiros de Castela, como os comuneiros de Paris; a epopéia da Grande Revolução Francesa, como os épicos acontecimentos da revolução espanhola, obedecem ao mesmo princípio do determinismo histórico através do qual a humanidade, não em linha reta, porque é uma lei natural a fórmula da ação e reação dos elementos, físicos ou químicos, político-sociais ou morais, mas em espirais por vezes trágicas e sangrentas, marcha para a liberdade.

A revolução francesa constituiu o

primeiro grande movimento de massas com finalidade construtiva. Fruto amadurecido dos conceitos filosóficos e das concepções morais do século da renascença, embrião de todas as ideologias políticas da atualidade, foi a revolução francesa o primeiro passo para a libertação do homem da tutela de todos os feudalismos.

A figura marcial de Napoleão, que surgiu como imperativo categorico do momento, quando tudo era caos, desespero, miséria e desorientação em face da invasão dos exércitos prussianos e austríacos da Santa Aliança formada por todas as monarquias, que vieram na revolução francesa o fim do despotismo e o germinar das idéias republicanas, impõe-se pela força das circunstâncias como o homem destinado a salvar a França.

Mas a idéia fecunda dos princípios revolucionários que animaram a grande revolução, germina e irradia a luz da redenção por todo o século XIX. Os movimentos insurrecionais sucedem-se uns aos outros, não só na França, mas na Alemanha, Itália, Espanha e se alastram como fogueiras por toda a Europa.

Em neste ambiente insurrecional, por vezes, como não podia deixar de acontecer, aproveitado por avaros e demagogos, se produziram a revolução da Comuna.

A COMUNA DE PARIS

A 28 de janeiro de 1871, anunciada pelo Governo de Defesa Nacional a capitulação de Paris, por força do armistício assinado nessa data com o inimigo, começa para o povo francês, que toca a rebate e se compenetrado do senso de responsabilidade, a era da Comuna.



Luiza Michel — a grande combatente da Comuna de Paris e um dos grandes vultos da luta pela libertação humana

Damos aqui a palavra a Luiza Michel, que narra com entusiasmo esse feito memorável:

"Ao romper da aurora (março de 1871) ouvi-se tocar a rebate; marchamos a passo de carga, sabendo que íamos ao encontro de poderoso exército que se alinhava em ordem de batalha.

"Sentimo-nos como se não pisássemos a terra, porque acreditávamos que íamos morrer pela liberdade. Depois da nossa morte, Paris inteira se levantaria de armas na mão para se defender ou morrer pela causa. Em certas horas, as massas constituem a vanguarda do oceano humano.

"O horizonte estava aureolado por uma suave luz branca, um esplendido amanhecer de libertação.

"De repente, ao meu lado, marchando conosco, vi minha mãe e senti uma angústia espantosa; inquieta tinha vindo; todas as mulheres estavam ali, marchando nas fileiras da liberdade, ao encontro da morte. Mas não era a



Símbolo alegórico das lutas gloriosas da Comuna de Paris

morte que nos esperava lá no alto da colina onde o exército já dispunha os canhões para juntá-los aos de Bagnolles, tomados durante a noite; era a surpresa de uma vitória popular.

Entre nós e o exército, as mulheres se lançam sobre os canhões e metralhadoras; os soldados, surpreendidos por este heroísmo, permanecem imóveis.

Enquanto o general Lecomte ordena aos soldados que façam fogo sobre a multidão, um sub-oficial, saindo das fileiras, pára em frente à companhia sob o seu comando e grita, abafando a voz de Lecomte:

"Cultras arriba! Os soldados obedecem. Era Verdaguerre, a quem, sobretudo por esta atitude, se fuzilou em Versalles, meses depois.

A revolução popular estava feita! Dias depois, tendo o Comité da Guarda Nacional tomado o poder pela vitória, foi proclamada a Comuna, que durou apenas dois meses, mas que deixou na história das conquistas humanas o fulgor sublime de um idealismo profundo que não se apa-

gará jamais, tais foram os atos de abnegação e desprendimento das vidas humanas que estão ligadas a esse acontecimento histórico.

LUIZA MICHEL

Não é possível falar da Comuna sem que a ela esteja ligado o nome de Luiza Michel, entre tantos e tantos outros igualmente heroicos, como EIL-seu Reclus, Pyat, Rigault, Ferré e Maria Fernandez, uma espanhola que, empregada pelo entusiasmo desse movimento, lutou valentemente pela vitória dos ideais comunistas.

Ao falar de Luiza Michel, não posso furtar-me ao desejo de recomendar a leitura da importante obra biográfica de Irma Boyer — "Luiza Michel" — LA VIERGE ROUGE —, que constitui um documentário interessante sobre a sua vida.

Para se avaliar o caráter desta mulher que vive, com razão, na recordação de todos os idealistas e que é lembrada por todos os rebeldes, vou citar alguns episódios apanhados no acaso entre muitos dos que enchem

(Conclui na 3.ª página)

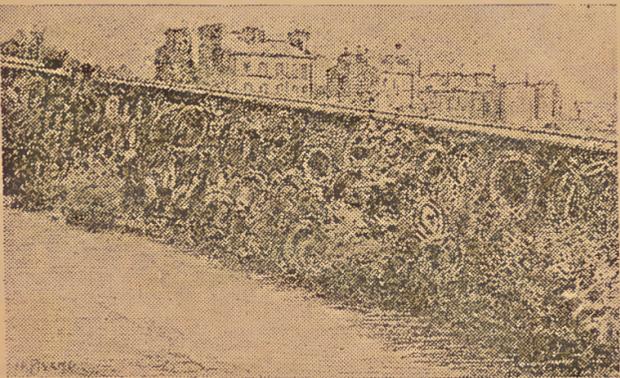
Mais sangue, mais vidas humanas, mais destruição

O Capitalismo Internacional Prepara-se Para Lançar o Mundo em Novas Carnificinas, Porque as Guerras são Pretextos Para Altas Negociatas de Cambio Negro

Ainda não se apagaram as fogueiras da última guerra provocada pelo desequilíbrio das competições capitalistas e gerada nos bastidores da política internacional; ainda estão revolvidos os campos da Europa e da Ásia, do Oriente e da África, pelo sepultamento dos milhões de vidas humanas sacrificadas em nome da liberdade e da justiça, mas, realmente, imoladas pelo moloch insaciável do capitalismo aos seus apetites e avidez de mando e de poder; não se calaram ainda os gritos de dor e de saudade dos milhões de viúvas, de filhos sem pai, dos milhares e milhares de mutilados que arrastam as carcassas disformes pelas ruas das cidades e que voltaram dos campos de batalha, e já se fala abertamente em nova guerra!

Henry Truman, falando em congressos de homens de igual responsabilidade pelos destinos da humanidade, afirma, friamente, que a nova guerra é inevitável. E' o processo sempre usado pelos homens que detêm o poder: fazer acreditar que a guerra é um mal necessário, fatal, inevitável, para que o povo se conforme e aceite a guerra. E' a maneira de se fazerem obedecer pelos soldados que são filhos do povo, mas nos quais se lhe inculca o dever de matar e destruir em nome da pátria! E' a psicologia da guerra, preparada, cultivada pelos armamentistas e regada com o sangue da mocidade de todos os povos, educada para a guerra, anestesiada pelos discursos guerreiros e pelas marchas e hinos patrióticos.

E assim será sempre, enquanto o povo não se resolver acabar com as guerras, acabando com as causas de guerra: o Estado, o militarismo, o clericalismo, trindade sinistra causadora de todos os males e de todas as guerras.



Muro dos Federados, no cemitério Pere Lechaise, em Paris, junto ao qual foram covardemente fuzilados dezenas de milhares de comunistas

PELO MUNDO ANARQUICO

O MOVIMENTO ANARQUISTA NA BULGARIA

Tem Velhas Tradições o Anarquismo no País Balcânico

O IDEAL ANARQUISTA INFLUIU EM TODAS AS CAMADAS DA POPULAÇÃO — LUTAS TITANICAS CONTRA TODAS AS TIRANIAS — AGORA SOB O BARBARISMO DOS BOLCHEVISTAS

Nos meios libertários de todo o mundo era conhecida a antiga atividade dos anarquistas na Bulgária, sabendo-se que naquele país balcânico vêm, de longa data, os nossos companheiros divulgando o ideal anarquico e lutando com o povo contra todas as tiranias e em prol das reivindicações populares.

Agora, que o governo do país está dominado pelos elementos bolchevistas sujeitos às ordens da ditadura moscovita, desencadeou-se uma furiosa e sistemática reação contra os anarquistas e todos os elementos de tendências liberais.

A propósito dessa situação, recebemos uma longa narrativa da secretaria da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), com sede na Suécia, da qual nos ocuparemos em outro número de A PLEBE. Neste número, fazemos um apanhado de uma carta recebida da Bulgária, que nos fornece dados interessantes sobre a situação do anarquismo naquele país.

A primeira manifestação de atividade anarquista em terras bulgaras verificou-se antes de 1876, quando teve fim a dominação turca, que durou quinhentos anos. Aponta-se como primeiro anarquista aparecido na vida bulgara o poeta revolucionário Aristote Botev, ardoroso proselitista de Miguel Bakunin e Sergei Neceev, tendo militado na Rússia na luta contra a tirania zarista. Grande foi a influência exercida pelo ideal anarquista no espírito deste poeta libertário, dominando toda sua produção literária, nas quais exaltou as excelsas belezas da sociedade anarquista, liberta da tirania da autoridade e da dominação do homem pelo homem.

Depois da libertação do povo bulgaro da dominação otomana, o movimento anarquista ganhou grande impulso em todo o país, tornando-se conhecido em toda a Europa, pelas lutas que travou. Da pleiade de militantes anarquistas que dedicaram o melhor de sua vida ao nosso movimento na Bulgária citam-se os seguintes elementos: professor Paraskev Stojanov, Jorge Seitanov, Jorge Popov, Mihail Geredjikav, Vraban Villifarski.

Nas lutas travadas contra a monarquia e o fascismo os anarquistas bulgaros tiveram sempre posição de destaque. Muito ativa foi igualmente a sua atividade na rebelião da Macedônia chamada Hindensko, na revolta de setembro de 1923, na luta contra o fascismo de 1925 e dos anos de 1939 a 1944; na revolta de 1944 contra a tirania fascista do rei Ferdinando e de seu filho Boris III, a que sucedeu a dominação do fascismo "vermelho" dos bolchevistas. Os anarquistas também sempre prestaram sua cooperação aos trabalhadores em seus movimentos grevistas.

Não obstante todos os embaraços com os quais devem enfrentar, os anarquistas bulgaros não abandonaram o campo da luta contra a tirania, não fazendo distinção na cor da camisa dos elementos a serviço dos ditadores, seja ela a parda do nazista ou a vermelha dos bolchevistas dirigidos pelo rajá Dimitrov, sujeito às determinações do Kremlin.

Durante a revolução de 1936-39 na Espanha, o movimento anarquista bulgaro organizou uma brigada que lutou valentemente com os combatentes libertários espanhóis.

A reação mantém-se ativa, sendo incontável o número de anarquistas que povoam os campos de concentração e enchem as prisões da Bulgária. Apesar disso, o movimento anarquista não cessou a sua atividade, que se desenvolve tanto nas grandes cidades como no interior do país, estando bastante difundido o ideal anarquista nos meios estudantinos.

Mesmo com a situação de terror dominante, o movimento anarquista encontra acatamento em todas as camadas sociais, em virtude da conduta coerente de nossos militantes, que, com a sua ética inteiriga, contrastam com o baixo nível da moral dos dominantes e de todos os profissionais da política imperante.

Na Argentina

O congresso da F.O.R.A. teve de realizar-se clandestinamente, devido à reação peronista

Conforme noticiamos em nosso número anterior, a Federação Obrera Regional Argentina, com o fito de apressar a rearticulação de seu movimento, durante um largo período prejudicado pela reação, convocou uma reunião plenária de representantes de todas as organizações proletárias que agremia em todo o país. A esse congresso deveriam comparecer também elementos do movimento anarquista concordes com a obra da organização operária.

Sobre esse certame, recebemos uma carta do companheiro Pedro Catallo que, encontrando-se em Buenos Aires, foi encarregado de nele nos representar.

Antecedendo as primeiras notas sobre o congresso da F.O.R.A., o companheiro Catallo faz referências sobre o movimento anarquista e proletário da Argentina, que julgamos interessante transmitir aos leitores de "A Plebe".

Eis o que nos conta o companheiro Pedro, que nos revela ter sido o certame da F.O.R.A. realizado clandestinamente, em virtude da reação peronista:

A DEMAGOGIA TRABALHISTA DE PERON

"O nosso movimento daqui está atravessando um período difícil. Refiro-me ao movimento proletário, que, neste país, sempre foi o campo de maior atividade dos anarquistas. Peron está fazendo aqui o que aí fez Getulio Vargas em relação ao movimento operário. A possibilidade de resistência à demagogia peronista e aqui maior da que aí foi oferecida à de Getulio, porque o movimento operário revolucionário chegou a ter proporções que nós não tivemos possibilidade de conseguir aí. Não obstante essa resistência, a demagogia peronista cria sérios embaraços ao desenvolvimento da ação proletária de ação direta.

O governo peronista está seriamente empenhado em acabar com a atividade da FORA. Para alcançar esse

objetivo, faz uma ativa obra de demagogia trabalhista, votando leis ilusórias em favor do povo trabalhador, leis essas que tem a execução que tem a legislação desse caráter do tempo de Getulio. Isso é feito por Peron com o fim de conquistar a simpatia popular, obtendo o resultado que aí conseguiu Getulio Vargas.

Cito um fato, para exemplo. No fim do ano passado, notando-se um movimento de descontentamento entre os trabalhadores, os industriais reuniram-se e, com o intuito de evitar que a agitação dos trabalhadores desse motivo a greves reivindicadoras, resolveram aparecer como magnânimos, concedendo um aumento geral nos salários de dois pesos por dia. Boa ocasião para um golpe demagógico! A senhora Eva Peron veio à lida e proclamou que esse aumento não bastava, que as necessidades dos trabalhadores exigiam mais, e que, por isso, o aumento deveria ser, pelo menos, de dois pesos e cinquenta. E feita foi a vontade de quem tudo pode mudar...

E é por meio de manobras dessa natureza que a senhora Peron tornou-se "La abanderada" de los trabajadores.

Vamos a outro fato. Numa oficina de calçados, cujos operários não pertenciam ao sindicato peronista, o patrão protelou o pagamento do aumento referido. Bastou que alguns desses operários se inscrevessem no mencionado sindicato e este se dirigisse ao patrão recalcitrante, para que este se resolvesse a conceder o aumento de dois pesos e cinquenta por dia, a contar de 1 de janeiro do corrente ano! E foi o bastante para que a maior parte dos operários afiliasse para o sindicato amarelo!

O CONGRESSO DA FORA

Mando apenas umas ligeiras notas, pois a comissão do congresso vai distribuir um relatório completo, que para aí será enviado.

O congresso não pôde ser realizado publicamente, porque a polícia peronista proibiu a sua realização. Também não pôde ser realizado, por impedimento policial, o comício com o qual pretendia a FORA abrir o congresso.

Foi por isso que o congresso teve de ser realizado clandestinamente, com prejuízo da parte pública da propaganda.

Como a FORA está atravessando um período semelhante ao pelo qual passou a nossa Federação Operária de S. Paulo nos anos de 1934-35, isto é, de trabalho de reestruturação, consequente dos efeitos de reação, uma boa parte do tempo de duração do congresso foi ocupado pelas discussões relacionadas com os problemas de caráter orgânico da organização. Os temas de interesse generalizado foram os que se prenderam às relações internacionais da FORA, tratando-se da reorganização da Associação Continental Americana dos Trabalhadores.

Tratou-se de dar vida efetiva ao jornal "Organización Obrera", órgão da FORA, cuja publicação sofreu as consequências da reação.

Mereceu especial interesse, tomando quasi que toda uma sessão do congresso, a discussão sobre a necessidade de reativar as propagandas anticlerical e antimilitarista.

Decidiu-se, também, trabalhar no sentido de serem fundados cursos de capacitação, para o aumento do número de militantes capacitados, que as necessidades da propaganda estão exigindo.

De todo o trabalho do congresso resultou a constatação de que o nosso movimento daqui reclama um intenso e metódico esforço de reestruturação, em virtude do proletariado ter estado, durante 17 anos, inteiramente distante do da propaganda emancipadora e sujeito à tirania e à demagogia dos ditadores. Verificou-se, assim, tratar-se, não apenas de um fenômeno argentino, mas também brasileiro, uruguaio, mundial, enfim.

Mas a realização de certames como este serve para demonstrar que a reestruturação será feita e que o movimento libertário de toda a parte marchará para a vitória final. Nessa convicção, envio minhas saudações aos companheiros do Brasil".

Pedro Catallo

NA FRANÇA

III Congresso da Federação Anarquista Francesa (F.A.F.)

Realizou-se em Angers, na França, nos dias 9, 10 e 11 de novembro do ano findo, o terceiro Congresso da Federação Anarquista Francesa, com a presença de delegados representantes de 52 dos 140 grupos anarquistas de que se compõe a Federação.

Apesar das dificuldades de ordem financeira porque deve estar passando o movimento libertário na França, devemos considerar que a realização desse congresso anarquista constitui uma vitória louvável dos camaradas franceses.

Estavam presentes ao Congresso delegações da Federação Anarquista Italiana, do Movimento Libertário Espanhol no Exílio e do Secretariado Provisório das Relações Internacionais, tendo se iniciado com uma saudação a todos os anarquistas do mundo, a todos os perseguidos e presos sociais e em particular aos camaradas que, na Bulgária, sofrem agora a reação feroz do totalitarismo bolchevista.

Entre os assuntos debatidos no III Congresso figuram temas sobre a terceira guerra, participação dos anarquistas na luta contra a preparação da mesma, colônias, greves, atuação dos anarquistas na vida sindical, relações internacionais e anistia, precedidos de uma interessante exposição de motivos à guisa de declaração de princípios.

Curso de Esperanto

Apresenta-se uma boa oportunidade para as pessoas que desejem estudar o esperanto. Na sede do Centro de Cultura Social, à rua José Bonifácio, 387, um grupo de esperantistas está promovendo um curso semanal gratuito dessa língua internacional. Poderão inscrever-se todas as pessoas interessadas.

Encando Ideias...

Alguns escritores confundem SOCIEDADE e GOVERNO de tal modo que vêem pouca, ou não vêem nenhuma distinção entre eles; entretanto, não são diferentes senão que têm origens diversas. A sociedade é o resultado das nossas necessidades; o governo é produto da nossa corrupção.

THOMAS PAINE

TRIBUNA DE DEBATES

Conversando sobre idéias e definindo atitudes

Se não concordar com o que na "A PLEBE" for dito — aqui poderá expor a sua discordância.

A PROPOSITO DO ARTIGO "JESUS CRISTO — O CARRASCO DE CRISTO"

Sob o título "Jesus Cristo — o carrasco de Judas", foi publicado no número 7 de "A Plebe" um artigo de Peloriano Maia. Não concordando com o que nesse trabalho disse o nosso jovem companheiro, enviou-nos o sr. Antonio José da Silva uma carta, na qual, de acordo com o seu ponto de vista evangelista, procurou contrariar as razões expostas por Peloriano Maia. Obedientes ao critério de livre debate desta seção, publicamos essa carta em nosso número 8. Neste número aparece a réplica de Peloriano Maia. Obedientes ao critério de livre virtude de circunstâncias alheias à nossa vontade.

"Li a carta do sr. Antonio José da Silva sobre o meu artigo "Jesus Cristo — o carrasco de Judas". Essa carta é como que uma defesa advogada por um causidico que se confessa, de antemão, inferior ao seu constituinte, com a agravante de não lhe ter outorgado autorização para esse patrocínio.

Ora, se o acusado carece de defesa de um advogado gracioso, evidencia que nada tem de divino e que a fabulosa história que o envolve não é senão criação imaginária de outros advogados graciosos que, igualmente como certos de seus colegas forenses, burlam, deturpam, impõem interesses próprios, para dessa atividade fazerem seu ganha-pão.

Diz o sr. Antonio José da Silva não se encontrar na Bíblia nem nos Evangelhos o que deixei dito em meu artigo que procura refutar. Mas, pergunto: que livros são esses aos quais devo dar crédito, sem que sobre eles possa formular um juízo próprio? Depois, onde se encontram os originais que lhes serviram de base?

O meu contraditor demonstra estar pouco afeito aos conhecimentos desses livros e mais sujeito às lendas que os parasitas da "Cité del Vaticano" sustentam e que lhe conturbam o raciocínio.

Sua pergunta: — "que entende por sábia lógica" — demonstra sua precária independência de raciocínio. É possível que com a citação de alguns exemplos lógicos, possa compreender o que é "sábia lógica" e "sábia mentira" (se bem que, para mim, nenhuma mentira pode ser sábia).

Exemplifiquemos, pois:

Sábia mentira: Os trovões, bem como os raios, são coleras divinas.

Sábia lógica: São os trovões e os raios descargas atmosféricas, denunciadoras de tempestades. Para anular a ação dos raios, Franklin inventou o para-raios (portanto, "para-raiva" divina...).

Sábia mentira: A terra é fixa e Deus fê-la o centro do universo, para nela habitar o homem.

Sábia lógica: A terra é dotada de dois movimentos. O geocentrismo é um erro, pois que a terra gira em torno do sol. Os impostores da religião mataram Giordano Bruno e milhares de outras criaturas, para manterem a terra fixa. Galileu e Kepler, contrariando a Deus, fizeram-na girar, deram-lhe forma geóide e rota própria.

Sábia mentira: Deus fez Adão de barro e Eva de uma costela de Adão e ambos à sua semelhança, sendo eles os primeiros habitantes da terra.

Sábia lógica: O homem, originando-se dos lamurianos, descende, em escala, do macaco. Lamarck, Darwin e Haeckel, com seus magníficos estudos, conseguiram determinar a forma do "deus" do qual o homem herdou a forma. Com a teoria do transformismo, que esclarece a nossa descendência, Deus foi aposentado...

Sábia mentira: Jesus fundou o cristianismo — e o cristianismo é a sua obra, a sua vida.

Sábia lógica: Jesus era e morreu judeu — e o cristianismo foi obra de Platão — roubada e deturpada.

Sábia mentira: O Papa é o representante de Jesus (o próprio Deus) — o humilde, o caridoso, o mártir.

Sábia lógica: O Papa é o protótipo do parasita, do ocioso, do ditador, do hipócrita, do mistificador. Jesus, tal como o apresentam aqueles que o exploram, deve ser considerado como um padre Antonio, um padre de Poá, um professor Mozart, cujos "milagres" — multiplicados e engrandecidos — são apontados como fenômenos sobrenaturais, como emanções de força divina.

Permitam-me que prossiga. Se, em pleno século XX, na era em que a ciência tudo esmiuça, na época da bomba atômica, da penicilina, da televisão, do rádio, etc., presenciamos essas romarias em busca dos tais "santos" e se espalham as mais absurdas versões sobre os seus "milagres", não é de admirar que na era de Cristo fossem mais chocantes os

absurdos consequentes da ignorância da gente daquele tempo.

E, a propósito, relato a palestra que tive com um colega que levou a Urucaina sua irmã atacada de paralisia infantil e que de lá voltou como tinha ido, apesar de ter recebido as bênçãos do padre Antonio. Disse-lhe: — E' de lastimar, pois conheço um expedicionário que, tendo perdido uma perna e um braço na guerra, depois de ter recebido a bênção do padre Antonio, voltou com as duas pernas e os dois braços perfeitos...

— Oh! Peloriano! — exclamou ele.

— Não acredita o amigo?

— Como posso acreditar em semelhante absurdo?!

— Pois é isso mesmo. Milagre é fazer-se o que não é natural: restituir a perna a um pernetista e o braço a um mapeta, por exemplo. Absurdo, pois, é acreditar nesses milagres que servem de elemento de exploração para uma sucia de espertalhões.

A outro amigo que me falou sobre os decantados "milagres", perguntei-lhe porque é que a santa, que ele afirmava agir por intermédio do padre, não fazia o milagre de evitar os desastres, verificados com romeiros em viagens para Urucaina? Era o caso de terem transportado para a sede das atividades do padre Antonio os feridos e os mortos, para que, com seus "milagres", os curasse ou lhes restituisse a vida...

A psicanálise, toda a ciência, isto é, a lógica, tudo vai explicando e encaminhando-nos para a verdade, que é incompatível com o erro. A verdade não é passível de ser torcida ou truncada, o que facilmente poderá acontecer com a "verdade" bíblica, como deixou evidenciado o sr. Antonio José da Silva, que parece pretender encobrir a verdade por meio de criações imaginárias.

Da leitura de meu artigo não se pode concluir que nele eu fiz um estudo da Bíblia ou dos Evangelhos. Foi o estudo desses instrumentos da mentira religiosa que despertou em mim o desejo de pesquisar a verdade sobre o emaranhado de mistificações contidas nos mesmos e que giram ao redor de um fato que os religiosos afirmam ter sido real, ou melhor, tratar-se de um caso concreto. O mesmo não me sucedeu quando li as obras "Don Quixote" e "A Divina Comédia", pois que, de antemão, sabia tratar-se de obras de ficção e não com fundamentos na lógica. Foi a constatação dos absurdos contidos nesses livros que me levou, de acordo com a lógica dos fatos, a formular os raciocínios anotados em meu mencionado artigo.

E é ainda pela mesma razão que eu convidei a quem se julgar capaz de contrariar a lógica a me provar não ser infinito o universo ou que possa haver dois universos, dois infinitos, portanto.

O meu muito crente contraditor julgava-me condenado porque "pequei". Diz ele: "o seu pecado é muito grave, pois está agindo de má-fé, de caso pensado, com plena consciência de causa". Creio que "pecado" seria se eu não falasse com "plena consciência".

Diz, ainda, o sr. Antonio José da Silva que "Jesus sabia de tudo muito bem, previra com antecedência todo o desenrolar do drama do Calvário". Daí somos obrigados a concluir, aplicando o mesmo raciocínio, que, tendo Jesus agido de "caso pensado, com pleno conhecimento de causa", pois tudo "previra com antecedência", caiu ele em pecado, por ter sido para Judas um algoz impiedoso, pois torturou seu discípulo com toda a consciência do crime, levando-o ao suicídio, movido tão somente pela sua ambição de glória, nisso se resumindo o famoso drama do Golgota. Resume-se numa mistificação esse drama em que Judas foi vítima do proclamado intuito de salvação da humanidade. Sendo Jesus um ser divino, segundo sustentam os religiosos, logicamente nada deve ter sofrido no tal drama, ao passo que Judas, não passando de um simples mortal, muito deve ter padecido, moral e fisicamente, e isso porque o seu "milagroso" mestre assim o desejou! Eu julgo que não seria capaz de tal procedimento. E o sr. meu caro e muito crente contraditor?...

Admitindo, por hipótese, o que se diz sobre a vida de além-túmulo, esse Jesus que assim procedeu, estaria sentado, não à direita do Deus-Padre (que é ele mesmo...), mas no banco dos réus no tribunal da história — e eu o condenaria pelo seu brutal sadismo.

PELORIANO MAIA

(Da Juventude Spartacus, do Rio)

Comemoração da Comuna de Paris

(Conclusão da 1.ª página)

as páginas dos livros de varios autores que sobre ela escreveram:

Em 1887, um fanatico atentou contra a sua vida desfechando-lhe alguns tiros de revolver; mas os ferimentos foram leves e Luiza Michel ponde defender esse mesmo individuo contra a multidão que pretendia linchá-lo. Mais tarde, nos tribunais, quando respondia a processo por esse motivo, foi ainda Luiza quem tomou a sua defesa.

Um dia, sentada na trincheira frente ao inimigo — citamos este episodio contado por Irma Boyar — tomava tranquilamente uma xícara de café com um estudante, discutindo sobre Baudelaire. No calor da polêmica não presta a minima atenção à chuva de balas que caem ao seu redor. Advertida com rispidez pelos seus camaradas, acabava de retirar-se quando uma granada caiu bruscamente no lugar onde estava sentada, fazendo as chicharas em pedaços.

Outra vez, protegida por um refugio, viu que no muro fronteiro um gato miava com desespero enquanto os obuses estouravam ao seu lado. De um salto cruzou a zona perigosa e foi buscar o gato em meio dos gritos de terror dos soldados pertencentes ao seu batalhão.

Interrogada certa vez por um camarada, na trincheira, sobre o efeito que lhe produzia a vida que levavam, Luiza respondeu: "O efeito de ver diante de nós a margem de um rio que precisamos alcançar".

Seria um nunca acabar de citações como estas, que atestam o despreendimento pela vida e o espirito de sacrificio de Luiza Michel. Esse despreendimento culmina no seguinte trecho do seu processo, quando interrogada pelos juizes:

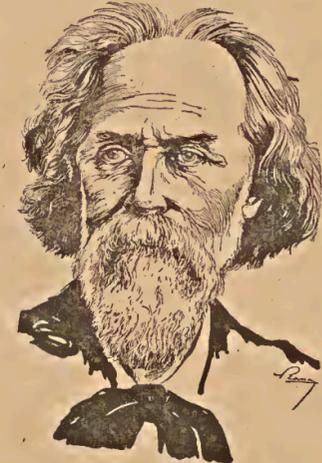
"O que peço de vós, que vos dizeis Conselho de Guerra, que vos intitulais meus juizes, que não desimulais vosso caracter de comissão de graças, é o campo de Santory (refere-se no local onde haviam sido fuzilados seus companheiros) onde tombaram meus camaradas. E preciso banir-me da sociedade, diz o promotor. Pois bem! O procurador da Republica tem razão. Vista que todo coração que late pela liberdade só tem direito a um pouco de chumbo, reclamo a minha parte".

Quanto aos sentimentos de Luiza Michel basta citar dois fatos:

Por estar extremamente doente, tentou fazer uma conferencia num dia intensamente frio, alguns camaradas fizeram-lhe presente de um chale de lã para que se resguardasse e pudesse dar conta do compromisso que havia assumido, de fazer tal conferencia. Qual não foi a sua surpresa ao vê-la entrar na sala das conferencias tremendo de frio, sem o chale! Souberam depois que, no caminho,

da à porta de uma igreja, sem agasalho, e Luiza deram-lhe o chale.

Quando fazia parte, como tesoureira, do Comité da Refugiados russos, do qual era presidente Victor Hugo, a casa de Luiza acorriam, numa contínua peregrinação, inumeros solicitadores que se qualificavam de refugiados russos, embora não houvessem ido além dos BOULEVARDS de Montmartre e dos BUVETTES do Bairro Latino. E nenhum saíra, por menos russo que fosse, com as mãos vazias. Victor Hugo, que estimava muito a Luiza Michel, achou oportuno exortá-la a ter alguma cautela na distribuição dos socorros, de forma que os verdadeiros proscritos não fossem defraudados pelos russos... de ocasião, encontrára uma pobre mulher sentada



Elisée Reclus — o grande geografo, cientista e sociologo anarquista, que foi uma das grandes figuras da Comuna de Paris

Luiza, depois de haver escutado atentamente ao poeta de "Os Miseráveis", perguntou-lhe com o fervor transbordante de ingenua piedade: "Posso eu pedir 'a miséria que apresente os seus documentos'?"

Era assim Luiza Michel. Esta mulher, que incarnava e reflete o ideal da Comuna, que tanto se distinguiu pela sua valentia e heroísmo, foi, e continua a ser um simbolo da revolução.

Nascida de um conflito social, filha da iniquidade da distincção de classes, pois era filha bastarda de um nobre com uma criada do castelo de Vroncourt, a virgem vermelha amou a plebe e sentiu com ela os mais puros entusiasmos revolucionarios.

De uma sensibilidade delicadamente poética, deixou paginas luminosas de pureza e sacrificio. Em toda a sua vida não houve, ao que parece, uma

atitude mediocre. Pietro Gori, poeta da anarquia, diz que Luiza Michel encarnava a CHAMA VIVA DA REVOLUÇÃO, O SIMBOLO DA FORÇA MISTERIOSA QUE ABALA O MUNDO E AS SOCIEDADES, A FORÇA INEXORAVEL E BENEFICA QUE DA DESTRUIÇÃO E DA MORTE FAZ GERMINAR A VIDA!

Morreu em Marselha, a 9 de janeiro de 1905, com 64 anos de idade, que foram 64 anos de inquietude.

Foi um facho de luz e de amor pela humanidade que deve servir de guia na trajetória da vida de todos os que trilham o caminho em demanda de uma sociedade livre, onde o individuo possa dar livre curso às suas manifestações de amor e de beleza, sem sentir nos ombros o peso das iniquidades sociais. (*)

SOUZA PASSOS

(*) Luiza Michel escreveu varios livros e deixou esparços, na colaboração de varios jornais e revistas, muitos trabalhos de valor. Entre os seus livros contam-se — "A Comuna de Paris", "Mundo Novo" e "Memórias".

DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS DA COMUNA DE PARIS

O movimento comunista do povo de Paris foi tão caluniado, ao ponto de chegar-se a justificar o numero de vítimas, que atingiu a 36.000, que achamos oportuna a publicação, como documento historico, da celebre Declaração de La Commune.

"Reconhecimento e consolidação da Republica e desenvolvimento regular e livre da sociedade. Livre exercicio das facultades e aptidões do homem, de cidadão e do trabalhador. A autonomia da Commune, limitada pela autonomia das outras, constituindo, todas, a União Francesa. Direito de votar seu orçamento, fixar e distribuir as contribuições; dirigir os serviços locais, organizar a magistratura, policia e ensino. Administrar os bens publicos nomeando, por meio de eleições e com responsabilidade, aos magistrados e funcionarios municipais. Garantia absoluta da liberdade individual, de conciencia e de trabalho. Intervenção permanente dos cidadãos em todos os negocios da Comuna.

"Paris deseja encontrar nas municipalidades confederadas a realização e pratica de seus principios, reservando-se o direito de fazer as reformas administrativas e economicas que a sua população reclame: criar instituições, desenvolver e propagar a instrução, produção, cambio e crédito, e reivindicar o poder e a propriedade segundo as necessidades do momento, o voto dos interessados e os dados oferecidos pela experiencia".

Centro de Cultura Social

O Centro de Cultura Social continua em plena atividade, desenvolvendo a sua proveitosa obra de difusão de conhecimentos de varios ramos da cultura entre os elementos populares.

Tendo conseguido a cessação obsequiosa do salão de reuniões da Associação dos Empregados no Comercio, all vem realizando as suas conferencias semanais, com o concurso de oradores de atividades as mais diversas, como medicos, professores, jornalistas, técnicos, profissionais, proletarios, etc.

As conferencias dos dois ultimos sábados do mês passado foram aproveitadas para comemorar o movimento revolucionario popular que convulsionou grande parte da Europa em 1848. Foram oradores os companheiros Luca Gabriel e Liberto Reis, que estudaram o grande acontecimento historico em seus varios aspectos, tendo, no final, a participação da assistência, que, como é de habito, pode intervir para formular perguntas ou objecões.

Na conferencia do dia 6 do corrente, falou o jornalista Silveira Peixoto

sobre o cooperativismo, encarando-o sob o seu aspecto social e de utilidade imediata. A assistência teve parte ativa nos debates finais, havendo animada troca de opiniões dentro de um ambiente de franca cordialidade. Antecedeu a conferencia a exhibição de dois filmes apropriados.

No ultimo sabado, a conferencia teve como orador o professor Candido de Campos que, falando sobre as rosas e sua influencia através dos tempos, demonstrou que, mesmo discorrendo sobre temas aparentemente superficiais, podem ser ditas coisas assás interessantes sobre os mais sérios problemas humanos.

O salão onde se realizam as conferencias fica à rua Liberto Badaró, 386, iniciando-se às 20 horas, com entrada franca.

Além das conferencias publicas dos sábados, o Centro de Cultura Social reúne todos os seus socios, em assembleias gerais, em sua sede à rua José Bonifacio, 387, todas as segundas-feiras.

VIDA ADMINISTRATIVA DE "A PLEBE"

Publicamos a seguir mais um balancete da parte administrativa de A PLEBE, nele registrando todas as importancias recebidas e as despesas feitas.

Como os amigos do jornal verificarão, esse balancete acusa um deficit bem regular, que deve ser coberto prontamente, pois, de maneira contraria, perturbará o aparecimento do jornal.

Conforme temo dito, A PLEBE vive exclusivamente das contribuições daqueles que sentem necessaria a sua publicação. Não temos as rendas de publicidade paga, de subvenções, que, a bem da dignidade de nosso movimento, não aceitamos e repelimos. Nem nos transformamos em pedintes, à cata de dinheiro aqui e ali. Outros que o façam, mas um jornal anarquista deve viver dignamente, para que possa falar com força moral.

Apressem-se, pois, os companheiros e simpatizantes em remeter as suas contribuições. Aqueles que estão de posse de listas de subscrição devem recolher as cotizações que puderem conseguir e devolvê-las com urgencia. E todos precisam cooperar conosco no trabalho de angariação de assinantes.

O momento exige a publicação de um jornal pelo qual possamos divulgar a palavra do anarquismo neste periodo de transição social. Tem a palavra todos os amigos de A PLEBE.

BALANCETE DOS Ns. 12 E 13

ENTRADAS	
De Contribuições avulsas:	
São Paulo: C. B., 10,00; J. P., 50,00; Martin, 5,00; Tip. S. A., 5,00; A. O., 30,00; E. M., 20,00; D. O., 17,00; S., 5,00; L. L., 15,00; Sarm., 15,00; J. C., 10,00; R. G., 10,00; J. V., 60,00; L. P., 10,00; Grupo Avicultor, 15,00; Perea, 15,00; J. L. M. J., 30,00; P. B., 200,00; Grupo Artístico, 755,00. — Total	1.277,00
Campinas, por int. de A. P.: A. P., 60,00; M. A. L., 40,00; N. A. B., 20,00; E. R., 10,00; A. D., 10,00. — Total	140,00
Santos, por int. de J. P.: M. R., 84,00; A. R., 50,00; F. S. S., 20,00; Prospero, 50,00; S. A., 20,00; J. P., 50,00. — Total	274,00
Sorocaba, por int. de M. T.: C. E. S., 141,00. — Total ..	141,00
Curitiba, por int. de A. D.: H. P., 50,00; A. D., 20,00; B. B., 10,00. — Total	80,00
Palmeira: L. A.	100,00
Porto Alegre: M. F. V.	100,00
TOTAL	2.112,00
De listas de subscrição:	
N.º 42, a cargo de J. O.: J. O., 20,00; F. O., 40,00. — Total	60,00
N.º 44: Internazionale, 10,00; Analfabeto, 10,00. — Total ..	20,00
Avulsas: Dirce, 20,00; Roque, 10,00; Ermano, 10,00. — Total ..	40,00
N.º 2, a cargo de E. L.: Ginóbit, 20,00.	20,00
N.º 11, a cargo de B. S.: B. S., 5,00; Dom., 10,00; Ono., 5,00; Herm., 20,00. — Total ..	40,00
N.º 12: S. L.	10,00
N.º 21, a cargo de G. B.: Caboclo, 50,00; J. P., 10,00; H. M., 5,00; Laerse, 5,00; Antonio, 10,00; Marcus, 5,00; Vero, 5,00; Hugo, 5,00; Camilla, 5,00. — Total	100,00
N.º 22, a cargo de F. M.: M., 20,00; Leone, 25,00; Pasqualino, 10,00; L., 20,00; M., 5,00. — Total	80,00
N.º 6, a cargo de L. G.: Russo, 20,00; 1 coleta, 70,00. — Total	90,00
N.º 7, a cargo de D. S.: D. S., 50,00; A. G., 40,00.	40,00
N.º 9, a cargo de F. O.: D. P., 20,00; I. T., 20,00; Reis, 16,00; M. M., 5,00. — Total ..	55,00
N.º 10, a cargo de F. O.: A. G., 20,00.	20,00
N.º 11, a cargo de R. S.: R. S., 20,00; S. R., 5,00; A. G. G., 20,00; F. S., 10,00; M. C., 20,00; Eugenio, 20,00. — Total	95,00
N.º 13, a cargo de J. R.: J. R., 20,00; J. C., 10,00; D. M., 5,00; E., 10,00; P. P., 10,00; S. A., 10,00; M. R., 10,00; R. E., 50,00. — Total	125,00
N.º 14, a cargo de J. P.: Santos: A. R., 50,00; C. A. G., 5,00; M. G., 50,00; A. G., 20,00; C. B., 30,00; Simpatizante,	
15,00; R. A., 40,00; L. L. S., 100,00; J. P., 75,00. — Total ..	395,00
N.º 15, a cargo de M. T.: M. T., 50,00; Risambo, 10,00; Jorge, 10,00; Panzarini, 20,00; D., 10,00; A. P., 5,00; V. P., 5,00; A. L., 5,00; A. P. A., 10,00; J. C., 5,00; M. L., 5,00. — Total	135,00
N.º 21, a cargo de A. S.: R. M., 100,00; N., 20,00; 1 assinatura, 20,00. — Total	140,00
N.º 22, a cargo de C. D. L.: F. G., 10,00; J. L., 10,00; F. G., 20,00. — Total	40,00
N.º 50, a cargo de A. C.: M. R., 5,00; A. C., 20,00; M. C., 10,00; L. L., 10,00; J. C., 10,00; I. N., 5,00; P. M., 5,00; L. L. R., 10,00; M. C., 5,00; F. P. C., 10,00; M. M., 10,00; F. C., 5,00; C. N., 5,00. — Total ..	120,00
N.º 54, a cargo de E. L. M.: R., 50,00; Z. O., 250,00. — Tot.	300,00
N.º 13, mensal, a cargo de A. S.: A. S., 50,00; E. P. C., 50,00; A. P., 30,00; N. A., 20,00; C. A., 60,00; G. L., 120,00; G. P., 20,00; B. S., 10,00; A. G., 100,00; F. J., 80,00; J. T., 20,00; L. P., 10,00; S. A., 60,00; P. M., 20,00; E. M., 20,00. — Tot.	670,00
Total	2.645,00
De assinaturas:	
São Paulo: P. M., 50,00; D. P. A. M., C. O. — Total ..	140,00
Santos, por int. de J. P.: N. F.	30,00
Pelotas, por int. de P. P.: C. A.; M. R. N.; A. M. P. ...	90,00
Total	260,00
De venda avulsa:	
Diversos	52,90
RESUMO DE ENTRADAS	
De contribuições avulsas ..	2.112,00
De listas de subscrições ..	2.645,00
De assinaturas	260,00
De venda avulsa	52,90
Total	5.069,90
DESPESAS	
Sêlos do correlo	285,00
Auto para o transporte do jornal	65,00
Goma-arabica	10,00
Despacho para o Rio de Janeiro	21,40
Impressão do n.º 12	2.680,00
Impressão do n.º 13	2.680,00
Total	5.741,40
CONFRONTO	
Despesas	5.741,40
Entradas	5.069,90
Deficit	671,50
Deficit anterior	2.079,80
Deficit atual	2.751,30
Outras importancias recebidas:	
Para a compra de livros: R. N.	25,00

A situação do movimento operario na França

ORIGEM DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRABALHO (C. N. T.)

A C. N. T. é uma secção francesa da Associação Internacional dos Trabalhadores. Foi criada em maio de 1946 por militantes sindicalistas revolucionarios filiados antes dessa data à C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho), da qual se separaram porque era de todo impossivel realizar trabalho algum de interesse para os trabalhadores, dentro daquela central reformista, dominada pelos bolchevistas.

Abandonando as fileiras da C. G. T., os elementos revolucionarios tinham em mira manter de pé o espirito revolucionario do sindicalismo francês; procurando congregar os trabalhadores numa organização inspirada na Carta de Berlim, constitutiva da A. I. T., seguindo para isso os moldes da Confederação Geral do Trabalho Sindical Revolucionario, que havia sido fundada em 1924, quando já se tornava impossivel trabalhar seriamente na C. G. T. para defender os interesses do proletariado e preparar os trabalhadores para a ação revolucionaria que deveria conduzi-los à sua emancipação integral. A C. G. T. S. R. desapareceu na tormenta de 1939.

Apesar das dificuldades surgidas ante os ataques sistematicos e conjugados de todos os partidos politicos, dos sindicalistas reformistas e dos chamados comunistas, a C. N. T. representa, no atual momento da França, a esperança dos trabalhadores conscientes, que tem confiança na sua ação revolucionaria, porque os trabalhadores decididos à ação, livres das influencias partidarias e da nefasta anestesia dos confessionarios, buscam um novo caminho e engrossam cada vez mais as suas fileiras.

A situação politica e economica da França, tendo em conta a atual psicologia do proletariado francês, é favoravel ao desenvolvimento de uma confederação do trabalho revolucionaria. O capitalismo é agora mais detestado que nunca como sistema economico. A experiencia da economia dirigida, o fracasso do socialismo politico internacional e do "comunismo" na Russia são outros tantos fatores que favorecem a ação anarco-sindicalista. A politica na França, pese embora a fidelidade relativa dos organismos eleitorais, não é tomada a sério e a G. G. T. está totalmente desacreditada. Demonstrem-nos as abstencões consideraveis nos ultimos pleitos e a indiferença do povo francês, farto já de todos os cambalachos politicos. Isso prova que o futuro pertencerá revolucionariamente à C. N. T.

É muito dificil precisar o numero exato de elementos aderidos ao novo organismo de luta do proletariado na França. É notoria, porém, a sua influencia nas regiões de Meio Dia, Toulouse, no oeste, em Bordeus, e no sul, com Marselha, etc. Em uma palavra, por todas as partes se manifesta forte corrente de simpatia, que se estende segundo as atividades desenvolvidas pelos militantes anarquistas.

A titulo informativo, indicamos que somente na região de Paris os aderentes à C. N. T. sobe a muitos milhares. Na metalurgia constitui já uma força que se equilibra com a de outras minorias. O boletim "C. N. T.", que abre caminho nas fileiras dos bolchevistas, impõe-se dia a dia, e seus artigos são muito apreciados pelo conjunto dos trabalhadores.

Por outro lado, "Le Libertaire", órgão da Federação Anarquista Francesa, constitui, através de suas colunas, excelente veiculo de propaganda da C. N. T., porque indica aos trabalhadores o caminho a seguir na via de libertação que prossegue sob a égide da A. I. T. "Le Libertaire" é um órgão semanal dos mais considerados. Sua tiragem ainda que limitada pelas concessões de papel, que está racionado na França, ultrapassa todas as expectativas. Tira 80.000 exemplares e é disputado por todos os trabalhadores anarquistas e sindicalistas revolucionarios.

A tarefa dos militantes da C. N. T. é bastante rude. Por culpa dos politicos de todas as escolas e partidos, se olvidou que foi o sindicalismo revolucionario, internacionalista e anti-estatal, a substancia benfeitora do movimento proletario francês, aparecendo agora a obra da C. N. T., para as atuais gerações, como algo novo — uma novidade da qual é preciso conhecer o conteúdo, a essencia dos seus objetivos.

Si a C. N. T. se preocupasse apenas em agrupar os trabalhadores ao redor de reivindicações materiais imediatas, apesar dos escassos recursos materiais de que dispõe, lograria, fazendo um pouco de demagogia, milhares de aderentes. Mas esse objetivo é secundario. Ela tende à formação moral dos trabalhadores e não a constituir-se em organização passiva e inutil. Sem esquecer os interesses economicos dos trabalhadores, luta no plano de ação direta pela revolução social, pela supressão do regime capitalista e do Estado. Si se afastasse deste rumo, que é a sua razão de ser, se converteria, como a C. G. T., em uma organização amorfa, sem impulso, sem dinamismo e sem objetivo revolucionario.

BERNARDO PON

PREPARA-SE UMA NOVA LEI SINDICAL. QUALQUER QUE SEJA A SUA ORIENTAÇÃO — NÃO DEIXARA' DE SER UM ENTRAIVE À ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES — QUE DE VE DESENVOLVER-SE LIVRE DAS PEIAS GOVERNAMENTAIS, DO BUROCRATISMO FUNCIONAL E DA INTROMISSÃO POLITICA. URGE A AÇÃO DECISIVA DO PROLETARIADO NO SENTIDO DE LIBERTAR OS SEUS SINDICATOS

A PLEBE

SÃO PAULO, 24 DE MARÇO DE 1948

ANO 31 — NUM. 14 (Ncva fase)

Sindicatos de cabrestos

SUJEIÇÃO À PRESSÃO GOVERNAMENTAL E AO BUROCRATISMO

No Brasil, como, aliás, em todos os países de projeção mundial, os governos procuram apoiar-se nos chamados sindicatos ministerialistas, ou sindicatos amarelos, através dos quais, servindo-se dos elementos que fazem parte das diretorias, controlam politicamente as massas trabalhadoras.

É uma nova forma de acorrentar os operários aos interesses capitalistas do regime de exploração em que vivemos.

Produto da concepção totalitária, criação, no Brasil, do chamado Estado Novo de Getúlio Vargas, os sindicatos oficiais prestam-se à obra mágica dos politiquês, que deles se aproveitam para semear a discordância entre os trabalhadores e dominá-los pela intriga ou pela ameaça da perda de direitos que constituem conquistas arrancadas ao capitalismo através das lutas sustentadas pelo proletariado organizado em associações de classe e sindicatos livres, no período de muitas décadas, desde o começo do século.

Efetivamente, nenhuma conquista

das chamadas leis trabalhistas é patrimônio governamental. O que ali está, enfeitado num calhamaço decorativo a que deram o nome de Consolidação das Leis do Trabalho, é fruto das agitações proletárias de caráter revolucionário, isto é, de ação direta, e custou a vida a muitos militantes anarquistas que, fazendo parte dos respectivos sindicatos de seus ramos, se destacaram, pelas suas concepções ideológicas e pela ação, que neles desenvolveram como orientadores e assimiladores da vontade popular, nas lutas em prol das reivindicações que agora nos apresentam como dádivas generosas dos governantes.

Impedidos de associar-se livremente, sujeitos à tirania sindical do Ministério do Trabalho, forçados a manter esses sindicatos através do imposto sindical e do desconto em folha das mensalidades, os trabalhadores não podem mais reclamar contra os patrões, não lutam por reivindicações que sabem desprezadas pelos sindicatos se estas ferirem os interesses políticos das correntes partidárias em

que se apoia o governo, ficam reduzidos à condição escrava de bateadores de palmas, nas manifestações oficiais ou condutores de disticos encomendados previamente e pagos com o dinheiro do fundo sindical.

É esta a situação atual do proletariado brasileiro. Pouco a pouco, após 15 anos de inércia e passividade em consequência da ditadura, o operário perde a consciência de seus direitos, habituava-se a querer apenas aquilo que lhe vem de cima, torna-se elemento inofensivo ao regime que o explora, conforma-se com as mentiras e melhorias sempre proteladas dos líderes que o entrega assim, manietado de pés e mãos, à ganância patronal.

Na Itália, na França, e agora também na Argentina, cansados dessa situação passiva de tamborileiros festivos das figurões da política sindical, os trabalhadores começam a formar, dentro dos respectivos sindicatos, grupos ativos com finalidades revolucionárias, chegando a formar federações de grupos através das quais, legalizadas ou não, impulsionam a luta em prol da sua completa emancipação.

Os trabalhadores brasileiros têm nesses núcleos livres dos trabalhadores de outros países um bom exemplo a seguir, se quiserem libertar-se das peias da política que os escraviza e explora.

Capital e Trabalho

— II —

Fôra demonstrada positiva essa concepção e não haveria sistema social mais humano e perfeito que o capitalista.

De fato, assim o definem os seus beneficiados: "O capitalismo, segundo o seu aspecto histórico, representa o desenvolvimento das empresas humanas mediante a expansão do crédito" — Romier — que quer dizer: "a concentração do dinheiro nas grandes empresas mediante ações e obrigações negociáveis na bolsa, a mobilização automática do dinheiro pela circulação dos títulos de crédito, letras de cambio, cheques, déduas bancárias" — P. Louis Chagnon. E mais ainda: "a insistir sob o aspecto social do capitalismo, poder-se-á formular a definição seguinte: o capitalismo é o regime da propriedade privada em que domina a grande empresa coletiva baseada no crédito, em que os fornecedores de capital são distintos dos fornecedores de trabalho, com predomínio dos representantes do capital no governo da empresa".

Quanta hipocrisia e servilismo desses escribas do capitalismo!

Kropótkin, em "A Conquista do Pão", após descrever as infinitas riquezas que se expandem pela superfície do orbe imenso e que poderiam permitir a todos os seres humanos, cercados hoje de tanta miséria, uma existência feliz dentro do mais amplo conforto, expõe, numa página repassada de lógica incontrovertível, o fator verdadeiro das modernas possibilidades da produção social: "Cerações inteiras, nascidas e mortas na miséria, legaram esta imensa herança ao século XIX. Em milhares de anos, milhões de homens trabalharam em debastar os matos, dissecar os pantanos, abrir estradas, margear os rios. Cada hectare de solo que se cultivava na Europa foi regado pelo suor de diversas raças; cada estrada tem uma história das fadigas do trabalho humano, dos sofrimentos do povo. Cada légua de caminho de ferro, cada metro de tunel recebeu a sua parte de sangue humano. Nas minas podem-se contar os homens mortos na flor da idade pelo grisú, desabamento ou inundações, e sabe-se quantas lágrimas, privações e misérias sem nome custou à família que vivia do magro salário do mineiro".

Exatamente ao contrário do que pretendem justificar os autores burgueses quanto à contribuição necessária do capital na transformação das substâncias brutas, adaptando-as ao consumo do homem, o capital nada mais representa, ao ser admitido pela ignorância dos trabalhadores, que o açambarcamento de todos os meios indispensáveis à produção e a produção mesma. Por outras palavras, o capital apenas possui a função representativa da propriedade privada, pedestal em que se assenta toda a construção do regime capitalista, isto é,

da organização social em que se admite, como a ação mais natural do mundo, a exploração do homem pelo homem.

A célebre definição de Ulpiano: "jus utendi et abdtendi re sua..." (direito de usar e abusar duma coisa), que expressa o sentido real da propriedade, opõe-se o sábio aforismo de Brissot — "a propriedade é um roubo" — cuja interpretação fecunda e revolucionária sustentou Proudhon em "O que é a propriedade".

Como sustentáculo do capitalismo e ao mesmo tempo por ele mantido, o Estado, com a trilogia da tiara, a magistratura e a espada, impõe com a "lógica" draconiana da força organizada, o direito de propriedade como "realidade de ordem natural, verdade natural acessível à razão". Eis como a definem, mais ou menos com as mesmas palavras, todos os códigos do mundo, passados e presentes: "a propriedade é o direito de gozar e de dispor das coisas da maneira mais absoluta, contanto que se não faça dela uso vedado pelas leis ou pelos regulamentos".

Ora, sendo o Estado representante da pequena minoria possuidora de todos os bens, para cuja garantia e mantem, muito certo é que as leis e regulamentos sejam elaborados de forma que lhe conservem e prosperem os seus próprios interesses, procedendo a todas as alterações e reformas que se lhe apresentarem convenientes.

Côncios e meditados nas causas e consequências que advém desse regime social, os seus cultores, técnicos e praticamente, procuram ocultar, sob o visor de uma causa humanitária, o prosaico labeu inelutável em sua vigência, apresentando torpes paliativos denominados justo salário, salário família, abonos familiares, seguros sociais, descansos remunerados, participação nos lucros e outras fórmulas que lhes permitam continuar a manter escravos.

Facil lhes é conseguir que a enorme maioria dos trabalhadores aceite e se conforme, na miserável inferioridade social em que arrastam a existência, o acerto concorde da teoria e a insuspeita probidade da prática.

Tendo à sua disposição todos os meios que, por sua influência e função caracteristicamente determinadas, a escola, a imprensa, o livro, o rádio, o cinema, etc., formam a mentalidade popular, procuram e se esforçam por manter o proletariado imenso, mais ignominiosamente que na ignorância completa das realidades mundanas, na credulidade inconsciente e no ignobil respeito das instituições pérfidas, dos seus disparatados manejos, dos seus estratagemas covardes.

As consequências aflitivas do estado de coisas resultante desse falso viver são a miséria, a corrupção, a decadência, a negação total da civilização multissecular, cujo corolário é a guerra organizada e perniciosa, continente de todas as baixezas excusa-

Grupo Teatro Social

Cooperando na obra do Centro de Cultura Social, o Grupo Teatro Social vem promovendo periodicamente festivais com programas ao mesmo tempo recreativos e educativos.

Não obstante ser composto de elementos trabalhadores que devem encarar e executar todos os trabalhos dos festivais nas horas de que dispõem para o repouso, os jovens que integram o G. T. S. tem dado demonstração de notáveis progressos na arte de representar.

Para o dia 30 de abril está marcada um outro festival, com um bom programa, para cujo êxito todos devem contribuir.

Registrados, vales postais e cheques em nome de Edgard Leuenroth. — Caixa Postal 2162.

veis, de todas as ações imorais que podem renegar a natureza humana, cujo trágico cortejo constitui o espetáculo mais tetricamente fúnebre que o da morte: o da queda da razão.

Quando se apresenta, ante essa caótica situação social, a necessidade da mudança inteira, desde as bases que a constituem, para uma forma mais nobre e salutar das relações entre os homens, dos meios e das proporcionalidades de trabalho e usufruto, e a doutrina cujo método e teoria, assentes nos ensinamentos mais puros e racionais das ciências da natureza e comprovados pelos fatos acontecidos no transcorrer dos sessenta séculos da história — a doutrina anarquista — objetam, levanamente, que "se a existência de cada um está assegurada e se a necessidade de ganhar um salário não obriga o homem a trabalhar, ninguém trabalhará. Cada um descarregará sobre os outros os trabalhos que não é obrigado a fazer".

Kropótkin, no livro já citado, demonstra, com a clareza que a mais completa lógica pode exigir, e com os fatos por ele mesmo verificados em várias nações da Europa, o inverso exato daquela proposição, isto é, que "o bem-estar foi sempre o mais poderoso estímulo ao trabalho. O trabalhador livre, que vê o bem-estar e o luxo aumentar em proporção dos seus esforços, desenvolve infinitamente mais energia e obtém os produtos de primeira ordem muito mais abundantes".

Apoiado, o princípio a cuja defesa submetem os teóricos do estado capitalista, não em pesquisas feitas nas reais manifestações da vida social, mas em preconceitos só deles objetivados e admitidos, necessário é convir que seriam muito egoístas e perversos os homens se verdadeira fôra a premissa maior do silogismo capitalista.

LIBERTO

Peuple de Paris!

LOUISE MICHEL EST MORTE!

Admirable d'abnegation et d'héroïsme, elle a été une de ces créatures exceptionnelles qui sont l'honneur de l'Humanité.

A notre époque de décomposition sociale, d'arriérisme effréné et de froid égoïsme — gangrenant même les jeunes! — cette lemme restait à 70 ans, lardente apôtre de l'Emancipation Sociale.

Louise Michel a incarné et sublimé tout le Beau Humain: générosité, bravoure, abnégation reléguées par une simplicité exquise.

Sous l'Empire elle est déçue, jeune fille, l'édificatrice dévouée des Enfants du Peuple et son grand cœur s'émeut aux souffrances des déshérités. L'oppression comprond que les joies de riches sont liées au malheur des pauvres: elle se mêle aux lutteurs qui veulent détruire le Césarisme pour faire éclater une société meilleure.

Aux heures sombres de 1870-71, Louise Michel ambulatoire, va réparer les blessés sous la mitraille; puis, lorsque la réaction versaillaise s'efforce d'étrangler Paris, elle prend le fusil et combat au fort d'Issy, aux Moulinsaux, sur les Baricades, pour le Droit Social et la Liberté.

Alors que les fusilleries victorieuses ont fait de Paris un charnier, la vaillante lemme peut s'échapper, mais sa âme est prise en otage... Louise Michel hésite pas: elle se constitue prisonnière! Devant le conseil de guerre, elle soufflette ses bourreaux de son mépris et leur crie son dédain de la mort.

"De n'échappe au Poteau de Satory que pour être jetée à la Déportation Calédonienne. Là, pendant neuf ans, elle donne un exemple de constante libération, au même temps que de stoïque lutte devant les godailliers.

Retournée en France à l'amnistie, Louise Michel reprend aussitôt son poste de combat social. Et cette République Bourgeoise en laquelle les déshérités n'ont aucun espoir, continue à avoir pour elle que rigueurs: après la Déportation, la Prison! Après la Prison, l'Exil!"

Il serait trop long de narrer la vie de l'Ineffable propagandiste. Rappelons seulement quel sublime exemple de générosité donna un jour celle qui fut l'un de nos meilleurs dignitaires: gravement blessée à coups de revolver par un malheureux alcoolique, s'étant dévouée, elle se constitue prisonnière contre l'indignation populaire et vient à la barre de l'Assemblée réclamer son acquittement.

Elle a 70 ans, comme au jour de sa jeunesse, relevant à peine de maladie, Louise Michel continue son œuvre de prosélytisme et succombe dans un dernier effort de propagande.

Telle fut la lemme qui vient de mourir!

PEUPLE DE PARIS

Alors que les partis politiques, en lutte pour la capture de Paris, nous montrent chaque jour le côté écorché des croisées et des apôtres, Louise Michel, une de nos et de l'humanité, a été l'unique qui a su mourir pour nous.

Peuple! Tu es libre sans être libre — malgré les déshérités — tel que qui se voit un aveugle! Liberté de l'Église et de l'État, la seule nécessaire en elle au de un véritable état.

"Les formes des choses changent" — Émile Zola — la grande cause qu'elle a défendue!

Les Amis de Louise Michel

Invité de dire sur Louise Michel et morte pauvre. Ses amis le sont également. Avant pour faire lire ses livres des ouvrages, nous ont ouvert une assemblée publique. Le jour 19 Janvier 1905.

GRAND MEETING PUBLIC

Qui aura lieu le Jeudi 19 Janvier 1905

Au PALAIS du TRAVAIL, 13, rue de Belleville, à 8 heures 1/2 du soir

ORATEURS:

Amilcare Cipriani - Sébastien Faure - Paul Fribourg - Laurent Tailhade
Jean Lataste - Dejeante - Henri Beranger - Georges Yvetot
Le Grandais - Nelly Roussel - H. Turot - Bogaquet - Clovis Hagueno - Tanzevin

ENTRÉE: 0,50 Cent. — AU BENEFICE DES ŒUVRES DE LOUISE MICHEL

Les acquisitions sont reçues à l'Administration Internationale de l'Anarchisme, 13, rue de Belleville, et à la Cour du Travail, Bureau 3, 1^{er} étage

Proclamation lançada no povo de Paris por ocasião da morte de Luiza Michel

Novas formas de escravidão através do Estado tecnico-burocratico

Para dar aos trabalhadores a ilusão de que participam da administração e do governo da coisa pública, o Estado vem se transformando, em todas as partes, em órgão "técnico-burocratico", através dos seus organismos sindicais e autarquias. Dessa forma, servindo-se dos próprios trabalhadores amarrados à cauda do carro estatal através desses organismos criados pelo totalitarismo, reforçam-se os fios da escravidão da classe produtora.

Chegou a essa conclusão o III Congresso da Federação Anarquista Francesa, na seguinte moção:

Constatamos hoje que o capitalismo privado e o "Estado gendarme" são simples sobreviventes.

Ao que parece, o Estado já não é o servidor do capitalismo, mas um organismo de outras classes e castas. Assistimos ao nascimento de uma nova forma de sociedade autoritária. O capitalismo e o Estado parecem fundir-se em uma só forma e as castas, que poderemos chamar técnico-burocraticas, tendem para uma era dos "diretores", apoderando-se da supremacia política e econômica.

As castas em questão são de composição variável. Muitos técnicos não adquiriram ainda a consciência da sua chegada ao poder: continuam sendo simples servidores do capitalismo ou do Estado classista. É o caso de muitos funcionários na França. Esse fenômeno se apresenta, com mais ou menos clareza, nos países chamados democráticos, onde o capitalismo privado se mantém potente, não chegando a ser mais que uma tendência.

É o que se passa nos Estados Unidos. Na França revela-se através da ditadura dos partidos, das nacionalizações, da criação do Estatuto dos funcionários públicos e da polícia.

Nos países "totalitários" domina a era "des menagers"; foi assim na Itália fascista, na Alemanha nazista, e é hoje ainda na URSS. Os regimes técnicos-burocraticos se manifestam, da mesma forma que o Estado e o capitalismo clássicos, pela colonização e o imperialismo. Apoiam-se nas forças militares e policiais, reformam os códigos e acentuam a sua aliança com a igreja.

A tendência para este novo estado da sociedade significa para o explorado a militarização econômica; as leis sociais e os estatutos de funcionários amarram os trabalhadores ao carro do regime capitalista e os sindicatos passam a ser meros apêndices do Estado.

TEREZINHA PERES

Ao encerrarmos o trabalho deste número do jornal, recebemos uma carta de nosso estimado companheiro Manuel Peres, dando a, para ele e para nós, triste notícia do falecimento da Terezinha, a sua idolatrada filhinha. Publica-la-emos no próximo. Por este meio, enviamos ao nosso camarada o abraço de nossa solidariedade neste doloroso transe, estando certos de nesta nossa manifestação interpretar o sentimento da família libertaria.

- ### LIVROS QUE RECOMENDAMOS
- "Proudhon" — (Su vida e su correspondencia) — Casainte Beuve — edição castelhana Cr\$ 35,00
 - "Malatesta" — (Su vida e su pensamiento) — Luigi Fabbri Cr\$ 35,00
 - "Em torno de uma vida" — Pedro Kropótkine Cr\$ 35,00
 - "Luiza Michel" — (La virgen roja) — Irma Boyer, enc. Cr\$ 45,00
 - "Teses da existencia e inexistencia de Deus" — Charles Duclaux Cr\$ 20,00
 - "As idéias absolutistas do Socialismo" — Rudolf Rucker Cr\$ 15,00
 - "El apolo mutuo" — Pedro Kropótkine, enc. Cr\$ 70,00
 - "La historia de la Revolución Francesa" — Pedro Kropótkine Cr\$ 85,00
 - "O que es la Propiedad?" — Proudhon, enc. Cr\$ 40,00
 - "O Anarquismo no alcance de todos" — José Otílica Cr\$ 12,00
 - "Sermões da Montanha" — Tomás da Fonseca Cr\$ 40,00
- Pedidos à Caixa Postal, 5739 — São Paulo — Capital